

revista
brasileira
de estudos
em
dança




Ensino, pesquisa e gestão:

A Dança na encruzilhada de saberes

*Teaching, research, and management:
Dance at the intersection of knowledge*

Maria Inês Galvão Souza

SOUZA, Maria Inês Galvão. Ensino, pesquisa e gestão: a Dança na encruzilhada de saberes. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, ano 02, n. 04, p. 13-24, 2023.



RESUMO

Em minha trajetória acadêmica, venho trilhando caminhos de investigação sobre o corpo cênico, a preparação corporal e formas de escritas performativas relacionadas aos estudos somáticos em dança. Em minhas pesquisas e relações de trabalho tenho priorizado a potência da linguagem corporal, o autoconhecimento e o amor a partir da noção de encontro e de rede de afetos. As ações que venho desenvolvendo ao longo de minha trajetória na UFRJ, coordenando grupos de pesquisa, conduzindo aulas e exercendo funções em cargos de coordenação, me conduziram ao entendimento de uma concepção holística do corpo em relação fluída de afecção com pessoas e contextos no espaço e no tempo. Integrando a essa escrita, a experiência de uma demonstração artística, tenho como objetivo discutir o encontro e o amor como base de possíveis metodologias na criação de relações em dança.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Ensino; Amor; Pesquisa.

ABSTRACT

In my academic journey, I have been exploring research paths on the scenic body, corporal preparation, and forms of performing writing related to somatic studies in dance. In my research and professional relationships, I have prioritized the power of body language, self-awareness, and love based on the notion of encounter and a network of affection. The actions I have been developing throughout my trajectory at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), coordinating research groups, conducting classes, and carrying out functions in coordination positions, have led me to understand a holistic conception of the body in a fluid relationship of affection with people and contexts in space and time. By integrating the experience of an artistic demonstration into this writing, I aim to discuss encounter and love as the basis for possible methodologies in creating relationships in dance.

KEYWORDS: Dance; Teaching. Love; Research.

Ensino, pesquisa e gestão: a Dança na encruzilhada de saberes

Maria Inês Galvão Souza (UFRJ)¹

¹ Artista, docente e pesquisadora da Dança (UFRJ), com doutorado em Artes Cênicas (UNIRIO). Integrou o corpo docente fundador do curso de bacharelado em dança (1994) e do Mestrado em Dança da UFRJ. Coordena o Grupo de Pesquisa Investigações sobre o Corpo Cênico e integra a nova diretoria da Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança (ANDA/2021-2023).
E-mail: inesgalvao2@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6473-7763>

Quando o começo já é o fim: trajetórias, encontros, corpo e amor

Brasília, 13 de outubro de 2023, último dia de encontro de comitês no VII Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança da ANDA. Uma sala de dança no Instituto Federal de Brasília, eu, no centro de um círculo feito por pessoas do Comitê Relatos de Experiência, apresento minha comunicação com demonstração artística. Descalça, trajando um vestido com muitas flores coloridas, começo a minha apresentação enunciando o nome do meu trabalho - Ensino, pesquisa e gestão: a Dança na encruzilhada de saberes. Vou até meu celular que estava conectado a uma pequena caixa de som, dou um *play* em minha gravação e um texto gravado em áudio acompanha as minhas ações dançantes. Com tranquilidade, tiro meu vestido e coloco uma calça e uma blusa preta enquanto a minha audiodescrição acontecia: “Sou uma mulher de 56 anos, uma mulher branca, cisgênero, cabelos bem longos e enrolados, uso óculos grande arroxeadado, décima primeira filha de um casal de nordestinos, a nona Maria, casada duas vezes, com dois filhos homens, mãe solo”.

Começo junto a fala que preenchia o ambiente, uma dança, porque assim me reconheço e me revelo enquanto pesquisadora guiada por uma prática sensível, uma prática que preza por uma ética de horizontalidade que segue em rede numa encruzilhada de saberes, um cruzo de emoções e experiências que me formam, transformam e alimentam. Práticas de amor: “Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor – partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor”. (hooks, 2021, p.56). Em minha jornada de trabalho na UFRJ, busco compreender esse lugar de referência para viver e falar sobre o amor.

Na continuidade de minha apresentação, depois de trocar de roupa, inicio um ritual de feitura de uma espécie de cama de gato com um barbante amarelo. Entrego a ponta do cordão a uma pessoa, olhando em seus olhos, como um primeiro encontro, um convite a uma dança, a um dançar junto, um convite ao estar em presença, em potência, desejo, vontade acentuada pelo convite feito: olhos abertos e a entrega sincera de um barbante que me conecta à pessoa, àquele lugar, naquele momento. Sigo assim, cruzando olhares e barbantes, percorrendo o centro

do círculo atravessada pelas energias do cruzo de pessoas e seus bar-
bantes conectados, cruzo de estados de presença. Sigo nessa ação dan-
çante e desenvolvo sobre o meu percurso, meu projeto poético, o projeto
onde vida e arte se abraçam, se confundem e se completam. Uma impro-
visação em que expresso em movimento, a partir das conexões espirala-
res do tempo, as memórias encarnadas das aprendizagens realizadas a
partir dos encontros da vida.

Em minha trajetória acadêmica no campo da Dança, venho
trilhando caminhos de investigação sobre o corpo cênico, a preparação
corporal e formas de escritas performativas relacionadas aos estudos so-
máticos. Atravessada pelas experiências práticas que dialogam com
ideias de artistas brasileiras, em especial Dudude Herrmann, Eleonora
Fabião e Verônica Fabrini, meu interesse tem se voltado para a noção do
estado de presença e disponibilidade do corpo na produção de sentido
em dança. Com base nessas espécies de cartografias que me inscrevem
no mundo, e que tratam da poética e da corporeidade com ênfase em um
fazer sensível, tenho priorizado em minhas pesquisas artísticas e nas mi-
nhas relações de trabalho a potência da linguagem corporal, o autoco-
nhecimento e o amor a partir da noção de encontro e de rede de afetos.
Todas as ações que venho desenvolvendo ao longo de minha trajetória
na Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenando grupos de pes-
quisa, conduzindo aulas e exercendo funções em cargos de coordena-
ção, me conduziram ao entendimento de uma concepção holística do
corpo em relação fluida de afecção com pessoas e contextos no espaço
e no tempo.

As reflexões que trago nesse texto surgiram durante a leitura
do livro “tudo sobre o amor” de bell hooks (2021) e das experiências vin-
culadas as formas de trabalhar o corpo para realizar o movimento em
estado de atenção e presença integrado ao ambiente, ao encontro afetivo
com as pessoas e aos demais elementos e materialidades. Integrar a
essa escrita a realização de uma demonstração artística tem como obje-
tivo destacar o encontro e o amor como base de possíveis metodologias
na criação em dança. Práticas de amor que me integram e me transfor-
mam. Das diferenças que encontro no caminho eu vou me alimentando
e amadurecendo. As inquietações que surgiram das experiências artísti-
cas no decorrer do meu percurso profissional estão vinculadas, principal-

mente, a formas de trabalhar o corpo para realizar o movimento em estado de atenção e presença integrado ao ambiente, ao encontro com as pessoas e aos demais elementos e materialidades presentes.

Segundo Bogart e Landau, (2017, p. 36): “A exploração de um tema, a descoberta da encenação e a escavação da linguagem, por exemplo, podem ser um ato coletivo no qual ideias são propostas e ajustes são feitos por todas as partes”. Nesse sentido, em minha atuação profissional, o exercício coletivo da imaginação é fundamental em todas as funções que exerço no ambiente acadêmico, na medida em que o coletivo atua para o maior entendimento da situação do corpo em movimento, em atitude, em decisão e em relação no espaço e no tempo. Compreendi em minha apresentação que a temática do meu relato de experiência pôde ser potencializada com a demonstração artística de uma improvisação dançante desse corpo, que apesar do avançar do tempo cronológico de existência, não se aprisiona nesses números, mas continua desejando ecoar sua potência em forma de dança, aquela que me constitui; uma dança amor, poesia que vem embebida, em sua existência, do sentido de coletividade e diferença.

O objetivo deste artigo-performance-comunicação é partilhar ações e sensações que se deram e se dão naturalmente em minha vida acadêmica, pela necessidade de estar junto, em coletivo, grupo, bando, criando, produzindo potências, integrando ideias e ações de continuidade e resistência no campo do movimento, da arte, da política e dos afetos. Não cheguei sozinha aqui, e assim, trago nesse momento as palavras, vozes, ideias e as danças de diversas pessoas, artistas, pesquisadores e pesquisadoras, autoras e autores, parceiras e parceiros de trabalho e de pesquisa, que seguem junto comigo na vida, próximas mesmo que distantes. Proximidades construídas no solo do amor.

O isolamento social nos trouxe em primeiro momento um sentimento de solidão muito forte pela falta dos encontros geradores de fricções de ideias e disrupções criativas. Muitas vezes, perdida num sentimento dolorido do terror de ser esquecida, me encontrei no exercício de alteridade realizado nas telas do computador.

Como poderia continuar se o que sempre me instigou foi o mover no encontro, o encontro de ideias, utopias, gerações, frustrações, sensibilidades, peles, afetos? Assim, a ação de marcar um encontro pelo aplicativo *Zoom*, preparar o ambiente de casa, abrir a sala virtual e ter a

possibilidade de olhar para cada pessoa, fez com que artistas pesquisadoras e pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação lembrassem que manter a vida de nossas danças já era em si a continuidade de muitos projetos. E foi pelos afetos desencadeados nesses encontros que me recriei em sentidos, me agarrei à presença virtual das pessoas: tinha que inventar novas formas de me relacionar que me mostrassem vida e reverberassem o sentido da minha arte e da minha existência em criações e no trabalho burocrático e acadêmico. Amor pelo fazer junto, em conjunto. Amor para resistir em dança.

bell hooks (2021) em seu livro “tudo sobre o amor” nos chama a atenção:

Imagine quão mais fácil seria aprender como amar se começássemos com uma definição partilhada. A palavra “amor” é um substantivo, mas a maioria dos mais perspicazes teóricos dedicados ao tema reconhece que todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma ação. Passei anos procurando uma definição significativa da palavra “amor” e fiquei profundamente aliviada quando encontrei uma no clássico de autoajuda do psiquiatra M. Scott Peck, *A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual*, publicado originalmente em 1978. Reverberando o trabalho de Erich Fromm, ele define o amor como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”. Para desenvolver a explicação, ele continua: “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade -isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. Uma vez que a escolha deve ser feita para alimentar o crescimento, essa definição se opõe à hipótese mais amplamente aceita de que amamos instintivamente. (hooks, 2021, p. 46, 47)

Se o amor é uma escolha e nesse sentido, é um ato de vontade, como afinal esse amor pode estar presente nas encruzilhadas de nossas travessias dos encontros em ato de pesquisa e comunicação em dança no ambiente de trabalho?

2. A dança na encruzilhada de saberes

No vazio pandêmico entre 2020 e 2022, reconhecendo a vontade de amar como intenção primeira de continuidade, minhas ações se deram por meio da criação de novas relações a partir da produção de sentido em possibilidades estéticas diferentes daquela dança de outrora. Descobri *corpoesias*, que atravessaram e alavancaram produções audiovisuais, pesquisas acadêmicas, reuniões de orientação, formas de coordenar cursos, pela necessidade de realização de continuação. “Muitos de nós desejamos amor, mas nos falta coragem para correr riscos. Embora sejamos obcecados com a ideia do amor, a verdade é que a maioria

de nós leva uma vida decente, relativamente satisfatória, ainda que sintamos a falta de amor.” (hooks, 2021, p. 53). Durante a pandemia, o medo de perder as minhas relações até então já constituídas no âmbito das minhas atividades como docente das Graduações e da Pós-graduação em Dança da UFRJ intensificou a minha vontade de construir mais redes de produção e de afetos em dança.

Na solidão do isolamento social, descobri no gesto de dança uma atitude humana reveladora/transformadora/transgressora que poderia estar em qualquer ação: deitar no chão, observar um conjunto de objetos, escrever e analisar um processo administrativo, avaliar um trabalho numa banca, agir ordinariamente com o corpo cotidiano em relações horizontalizadas que somente se sustentaram no exercício do amor. Integrar a gestão da ANDA (2021-2023) foi uma das ações que me aproximou de pessoas de universidades de diferentes regiões do nosso Brasil. As experiências e os afetos estabelecidos nessa fase da minha vida me trouxeram o amadurecimento de criar relações de igualdade dentro de uma grande variedade de culturas, saberes e modos de ser. Foi necessário criar danças de forma insurgente, revelando outros modos de ser, de agir, de escutar e de decidir. A programação do congresso foi muito discutida, as funções, tarefas e responsabilidades descentralizadas e o corpo coletivo, unido, conseguiu criar um evento presencial com a força do reencontro tão esperado. Foram três anos de eventos remotos, encontros online que nos fizeram resistir e persistir para que não esquecêssemos quem realmente somos: artistas; pesquisadores e pesquisadoras do corpo, pessoas imersas em um ambiente afetivo que investiga questões que atravessam o corpo e estão relacionadas à cultura, à política, à criação, ao cuidado de si e à diversidade.



Fig. 1. Imagem do grupo de pessoas que compõem a gestão da ANDA (2021-2023) no VII Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança realizado no Instituto Federal de Brasília (Brasília/DF), 2023. **Fonte/Fotógrafo:** Luís Silva. **Audiodescrição da imagem:** Foto em plano horizontal. Da esquerda para a direita temos: Profa. Dra. Carmen Anita Hoffmann (UFPel) com braços abertos para cima; Profa. Dra. Yara dos Santos Costa Passos (UEA) com o braço esquerdo para o alto e o outro abraçando Carmen; o secretário Marcelo Silvio Santos com o braço esquerdo aberto para o lado e o outro tocando Yara; agachada a frente ainda do lado esquerdo a Profa. Dra. Maria Inês Galvão Souza (UFRJ) de braços abertos com o tronco inclinado para o lado esquerdo; ao lado, Prof. Dr. Diego Pizarro (IFB/UFBA) ajoelhado, braço direito flexionado e o esquerdo para o alto; sentado ao lado, Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza (UFPEL) com o braço direito flexionado para cima e o outro flexionado a frente do corpo; Profa. Dr.^a Lígia Losada Tourinho (UFRJ) sentada ao lado de Marco com os braços para cima; também sentada Profa. Dr.^a Meireane Rodrigues Ribeiro de Carvalho (UEA), com braço direito erguido a frente do corpo e o outro para cima; ao lado Profa. Ms. Márcia Feijó (FAV) de pé, com o braço direito para cima e o esquerdo para frente; Prof. Dr. Jessé Da Cruz (UFMS), de pé com os dois braços para cima; Prof. Dr. Vanilto Alves de Freitas (UFU) de pé com o tronco inclinado para frente, braço esquerdo para frente e o outro abraça Jessé; Prof. Dr. Alysson Amâncio de Souza (URCA) de pé, de lado, com o braço direito abraçando Vanilto e o esquerdo para cima. O fundo da imagem é um grande painel vermelho escrito: a esquerda acima a logo da ANDA; do lado direito também em cima do painel, VII Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança e no centro com letras maiores, Dança como Insurgência e Criação de outros modos de ser. Todas as pessoas estão sorrindo.

Essas reflexões fazem parte de atravessamentos ocasionados pela intensificação de atividades de grupos que integro, como a gestão da ANDA 2021-2023. São projetos e projeções de ações de continuidade e resistência, como colegiados de graduação e pós-graduação, grupos de pesquisa e exercícios de docência, orientação e criação. Exercícios de amor.

Há muitos e muitos casos de crianças punidas ao responder com honestidade a uma questão apresentada por uma figura de autoridade. Desde cedo fica gravado em sua consciência que dizer a verdade trará dor. E assim elas aprendem que mentir é uma maneira de evitar se ferir e ferir aos outros. (hooks, 2021, p. 77)

Muitas vezes somos punidos por expressarmos a verdade sobre nossos medos, fragilidades e ignorâncias. Assim, atualmente busco no exercício do amor a verdade e a transparência, o acolhimento e o afeto. No aconchego de ideias, conseguimos constituir um diálogo honesto e assim, expandir a ética do amor pelos encontros de outras pessoas que também estão em busca de compartilhar e debater suas pesquisas e criações. Pesquisar com; dançar com; horizontalmente; amar.

O meu gesto em dança, coerente com a culminância dessa trajetória acadêmica, se revela no desenvolvimento de minha demonstração artística: gestos que se expressam como atitude baseada em experiências passadas inscritas no meu corpo que se atualizam em processos de investigação, transformando-se em possibilidades expressivas e relacionais. A cama de gato presa nas mãos de pesquisadoras e pesquisadores do Comitê Temático Relatos de Experiência contextualizava meu corpo em gestos de dança: gestos que buscam conexões, ações imbricadas nos afetos constantes das relações em cruzo que se estabelecem entre todas as pessoas. Percebo que esses gestos se deixam atravessar pelas materialidades e afetos do presente e por essas memórias, imagens, sensações que se atualizam no corpo.

Tudo isso é do terreno do indizível e talvez até pareça sem importância e sem sentido nesse momento. Mas, não acredito mais em outra forma de conduzir a vida e as minhas relações no mundo. Em uma ética comprometida com a fidelidade aos sentidos humanos que provocam as diferentes formas de expressão, sinto buscar uma ambiência sensível que favoreça o prazer de estar e seguir junto em potência de trabalho, em Amor.

Quando vemos o amor como uma combinação de confiança, compromisso, cuidado, respeito, conhecimento e responsabilidade, podemos trabalhar para desenvolver essas qualidades ou, se elas já forem parte de quem somos, podemos aprender a estendê-las a nós mesmos. (hooks, 2021, p. 94).

Nesse cruzo de afetos entre tantas funções exercidas na universidade, meu desejo é desenvolver, experimentar, vasculhar minha existência, remexendo, revirando e tentando deixar fazer/expelir aquilo que me toca e me transforma. Amor como ação presente e dançante. Minhas pesquisas sobre a cena se caracterizam pelas experiências em grupo, e estão em busca de descobrir novas metodologias de criação cê-

nica que ampliem as possibilidades de expressão do corpo enquanto produtor de signos relacionados à palavra, ao gesto, ao canto e a musicalidade de maneira geral. O que busco nas experiências práticas expandidas em dança no grupo de pesquisa que coordeno, é desafiar as pessoas, colocando em questão a forma, instaurando conteúdos humanos que buscam impedir que ela se esvazie, ou que seja apenas ato mecânico, ação virtuosa ou padronizada. Minha produção teórica se mistura à experimentação prática num processo constante de retroalimentação.

Acredito que os processos de criação de artistas da cena se relacionam organicamente com os processos de sensibilização/formação do ser humano. Compreendo que para entrar no universo criativo é preciso falar de uma humanidade que às vezes nos escapa. Essa humanidade seria uma generosidade e escuta para o movimento do mundo com tudo aquilo que ele nos apresenta: organização, desorganização, natureza, artificialidade, tragédias, soluções, desejos, vidas e mortes. Criar, nesse sentido significa promover uma conexão direta entre esse ser humano inserido no mundo e esse artista em processo de investigação.

3. Passos finais e o desejo de expandir afetos na encruzilhada das danças

É no contexto dessas reflexões que a “escrita de si” dos antigos gregos ganha destaque como uma das atividades constitutivas das “artes da existência”, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética, experimentada como prática da liberdade, e não como sujeição às práticas disciplinares (Foucault, 2004^a). A “escrita de si” é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como o trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu. (Rago, 2013, p.50)

Sinto apresentar nesse texto a minha própria humanidade que se condensa em ato criador: complexidade, contradição e sensação. Sem paixão, desejo, afeto e relações humanas, não conseguiria trilhar esse caminho profissional com ética e sensibilidade tão necessárias à docência e a pesquisa artística.

A maturidade do meu gesto se revela no fundamento primeiro da autenticidade no que quero comunicar, sem que necessariamente seja entendível, apenas sentido, sendo provocador, questionador, reflexivo, um ato de amor.

Para conhecer o amor, temos que dizer a verdade para nós mesmos e para os outros. Criar um “eu” falso para mascarar os medos e as inseguranças se tornou tão comum que muitos de nós esquecemos quem somos e o que sentimos sob o fingimento. Romper com essa negação é sempre o primeiro passo para descobrir nosso desejo de sermos honestos e claros. Mentiras e segredos nos sobrecarregam e nos estressam. Se um indivíduo sempre mentiu, ele não tem consciência de que dizer a verdade pode livrá-lo desse fardo pesado. Para saber disso, é necessário abandonar as mentiras (hooks, 2021, p. 90)

A ideia de encontrar um começo para essa escrita-performance me mobilizou por um longo tempo. Passei a me perguntar o que de fato teria importância na produção de um relato onde o que mais me interessa é falar de amor no espaço acadêmico e de pesquisa. Seria então muito melhor se você que acompanha esse artigo pudesse estar aqui em uma nova conversa dançada. Assim, ousou substituir essa presença pela minha própria consciência, e conversando com essas memórias, me aproximo aos poucos de você nessa espécie de dramaturgia de ações afetivas e produtivas no espaço acadêmico. São histórias e confidências de uma artista que passou a entender nos cruzos e cursos da vida, o que chamamos de potência e presença no ato de dançar todo e qualquer trabalho que diga respeito as relações humanas.

Um desejo de guardar na memória todas as palavras ouvidas e proferidas, todos os sentidos ressaltados durante a experiência dessa demonstração artística que envolve um projeto de vida. Um desejo de registrar caminhos, o caos de cada processo, a poesia descoberta no espaço durante as experiências esculpidas no corpo.

Durante a minha apresentação, achei um mundo tecido de sensações a partir de um rolo de barbante. Quando as pontas se encontram e os cruzamentos se formam, uma rede de memórias em fluxos de energias movem o corpo, animam a alma. Com todas as reverberações dos encontros realizados no VII Congresso Nacional de pesquisadores e pesquisadoras em Dança no Instituto Federal de Brasília, eu escrevo e continuo descobrindo outras possibilidades de integrar saberes e pessoas. Queria contar ainda outras histórias, queria dizer o que encontrei nesse caminho em que acumulei tantas memórias, experiências passadas que ainda hoje me transformam.

Dançar para mim atualmente significa me abrir ao encontro de caminhos e possibilidades no momento presente. Um cruzo de afetos, ideias e vontades de criar chãos firmes para quem vem, honrando ances-

tralidades, projetando ações de rupturas e diversidades. Afirmando e visibilizando saberes e artistas. As minhas danças nascem desse cruzamento de afetos, ideias, temas, e das relações com o mundo.

Ubuntu, filosofia africana, presente na cultura de grupos da África Subsaariana, cujo significado se refere à humanidade na relação com as outras pessoas. Ubuntu é um conceito amplo, é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro, uma ideia semelhante à do “amor ao próximo”.

Ubuntu (Cavalcante, 2020) sintetiza para mim a ideia de que eu sou porque o outro existe, e assim, nós somos. Minha existência, meu trabalho e meus projetos de vida são dependentes das relações que estabeleço com as pessoas. Minha dança, feita para me lembrar quem eu sou e tentar ingenuamente mover mundos e vidas.

Minhas danças me reverberam em amores pelo trabalho que faço, pelas pessoas, pela vida, pelas tantas danças do mundo... de todo mundo...

Lembro aqui nesse ato final as ideias poetizadas de Fernando Pessoa (Silveira, 2020) e mais do que nunca sinto que viver não é preciso. A vida tem sido arrebatadoramente imprecisa, o planejado não existe, apenas o que está em curso, cada instante.

Me sinto atravessada pela montanha russa de emoções de ter participado do Sétimo Congresso da ANDA no formato presencial. Essas emoções se desdobram em camadas disruptivas de afetos, e assim, aqui e agora, tenho a certeza de que estou em dança. Me expresso em gesto de generosidade que não se repete. Tudo é novo e me transita em cada instante dessa dança, e aqui, com o seu testemunho, em amor profundo de viver esse momento, relato minha própria história, compartilhando experiências que almejam transmitir a necessidade de falar de amor no universo acadêmico.

Em entrevista a Marcílio Vieira (2022), a artista Dudude destacou aspectos importantes sobre a sua arte:

A arte é minha forma de ver o mundo, o movimento é minha forma de ler o mundo, é a minha escrita. Eu quero ir para o lugar que eu ainda não fui, o desconhecido. O que é dança para uma tela? Um dia eu me pergunto o que é isso. É movimento. Eu amo a vida, amo fazer as coisas, aí eu uso do movimento. Para mim, o principal ingrediente de fazer a arte seja ela presencial ou numa tela é a liberdade. (Dudude, 2022, p. 102)

Palavras e expressões que ressoam e contribuem para as reflexões aqui desenvolvidas: liberdade, ver e ler o mundo, desconhecido, ação... Trabalho com pesquisas guiadas pela prática e a partir da prática mergulho no universo do imaginário aguçado pelo desejo de me expressar com o corpo.

Depois de sentir bolhas correndo no sangue, borboletas no estômago e um comichão na cabeça, nasceu essa dança de amor que falou desse cruzo de afetos e ideias. Não estou só, falo junto com muitas vozes e amanhã será outra dança, outro texto. Desejo para todas as pessoas, que cada dança seja mais do que um conjunto de ações sincronizadas no espaço, que sejam momentos de transformação de todas as pessoas que participam dessa experiência de amor com e pela dança.

Referências Bibliográficas

BOGART, Anne, LANDAU, Tina. *O livro dos viewpoints: um guia prático para viewpoints e composição*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CAVALCANTE, Kellison Lima. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. *Revista Semiárido De Visu*, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SILVEIRA, Francisco Maciel. (2020). O marinheiro: "Navegar é preciso, viver não é preciso". *Revista Desassossego*, São Paulo, v.12, n. 23, p. 156-165, 2020.

VIEIRA, Marcílio de Souza. DUDUDE HERRMANN: inventora de improvisações. *DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança PPGDança*. Salvador: UFBA V. 7, N. 1, p. 97- 102, jul/dez. 2022.

Recebido em 14 de dezembro de 2023.

Aprovado em 22 de dezembro de 2023.

REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN
UFRJ

Anda
associação nacional de
pesquisadoras em dança